

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO. — I A Nova Escola de Direito Criminal, por Arthur Orlando. — II Chronica ás pressas. — III Poesias, por João Ribeiro. — IV Da educação, por Herbert Spencer. — V Bibliographia Brasileira. — Catalogo alphabetico das publicações brasileiras.

A Nova Escola de Direito Criminal.

I

O Sr. Dr. João Vieira de Araujo publicou no *Diario de Pernambuco* dous artigos sob o titulo *A Nova Escola de Direito Criminal*, com o fim de mostrar as vistas largas, as ideias novas da Italia de hoje na cultura das sciencias juridicas e especialmente do direito criminal.

« A Italia da actualidade, affirma calorosamente o nosso professor, concluindo o seu segundo artigo, quando em nenhum ramo de conhecimentos humanos se avantajasse hoje, bastaria a fundação e o desenvolvimento da Nova Escola de Direito Criminal para dar-lhe a hegenomia da sciencia juridica. »

Eis o alto conceito que da Italia moderna forma o Sr. Dr. João Vieira: alli as sciencias juridicas têm tomado um desenvolvimento

rapido, um vôo extraordinario, occupando um lugar eminente entre ellas o direito criminal pelo renovamento consideravel que no seu mechanismo tem exercido o genio da philosophia naturalistica.

« E' uma especialidade, diz o Sr. Dr. João Vieira, mas na qual penetrou a sciencia moderna diffundindo a luz sobre todos os phenomenos juridicos que se relacionam dentro da esphera respectiva com todos os outros ramos do direito e varias sciencias que têm por objecto o homem *criminoso* e sua actividade *anormal* e como fim a *diminuição dos crimes* que assoberbam as sociedades actuaes no esplendor de toda a sua civilisação. »

A verdade, porém, é que a chamada *Nova Escola de Direito Criminal* nem é uma especialidade da Italia, nem tem a importancia, que lhe attribue o seu animado vulgarizador.

Eu devo até confessar que lendo os artigos sobre a *Nova Escola de Direito Criminal*, afigurou-se-me que o seu autor se fizera propagandista não tanto por amor

às ideias dos Ferri, dos Puglia, dos Garofalo, como por amor á sua propria pessoa.

Eu me explico: ha nesta terra muita gente para a qual a sciencia consiste mais na exhibição de phrases ruidosas do que no estudo serio a serviço de um intellecto superior. Para esta gente foi que o Sr. Dr. João Vieira escreveu os seus dous artigos com aquelles termos--*naturalismo moderno, anthropologia criminal, saturação criminal*, e umas tantas outras palavras empenhadas, que a certos espiritos afiguram-se mundos desconhecidos, ideias novas.

Faço, portanto, a justiça de não acreditar que o Sr. Dr. João Vieira esteja convencido de que a Italia tem actualmente a supremacia no desenvolvimento das sciencias juridicas e de que esta hegemonia podesse ser adquirida pela fundação da *Nova Escola de Direito Criminal*.

Que vem a ser, com effeito, a escola dos Ferri, dos Puglia, dos Garofalo?

E' a escola que « estuda o homem criminoso em concreto, por todos os seus caracteres somaticos e physicos ao mesmo tempo tendo como fim a diminuição dos crimes » a escola que « substitue aos velhos criterios do livre arbitrio como fundamento da imputabilidade penal a responsabilidade effectiva e real do criminoso. »

Depois do muito que se tem escripto sobre a repressão da criminalidade era de esperar que a *Nova Escola* se mostrasse mais accomodada ás exigencias do progresso humano, ou que pelo menos houvesse descoberto meios mais efficazes de defender a sociedade contra as aggressões da criminalidade do que o odioso direito de punir.

Pelo menos, neste sentido trabalham alguns espiritos superiores que, não sendo italianos, todavia marcham á luz das sciencias naturaes e procuram estudar os factos sociaes, fazendo uma larga parte ao methodo objectivo.

Para estes o grande problema em materia criminal é « combater com as armas da sciencia o direito ficticio de punir que a sociedade se arroga. »

« Durante o periodo metaphysico, diz o russo Minzloff, se formou uma sciencia ficticia chamada *direito criminal*, que armada de uma longa série de sophismas provou a necessidade subjectiva das penas como

meios de intimidacão, de correcção ou mesmo de suppressão, e pretendeu deduzir d'ahi a necessidade objectiva de todas estas elocubrações. »

Com effeito, a que resultado, se não a abolição do direito de punir, tem chegado os que estudam o homem criminoso em concreto, sob a acção de todas as condições exteriores que podem influir sobre a sua organização individual?

Realmente, os que á luz da anatomia, da physiologia, da hygiene e todas as mais sciencias biologicas descobrem sempre no homem criminoso atrophia ou anormalidade nas circumvoluções typicas, inflammaciones meningeas, synostoses prematuras, cerebro-scleroses, ateromas, gastro-enterites, epilepsias, nevroses, molestias do coração, dos pulmões e tudo que faz com que « o quadro pathologico, que offerece a necropsia de um condemnado passe os limites da imaginação », não têm chegado a outra conclusão senão á conveniencia da abolição das penas, não sómente como inuteis, mas até como prejudiciaes á sociedade.

Considerar o crime um mero caso de *pathologie* ou de *atavismo* é negar a necessidade da pena e assim a existencia da chamada *sciencia do direito criminal*.

« Seguindo um outro caminho que não aquelle sobre que marcha laboriosamente e de todo inutilmente a chamada sciencia do direito criminal » é que marcham os que vêm nos criminosos meras victimas de uma variedade infinita de causas, que tornam o individuo tão responsavel pelos crimes, que pratica, como pela côr dos olhos, com que nasceu.

A este respeito ainda vêm muito a proposito as seguintes palavras do citado Minzloff:

« O que importa a vós, juizes, que sois chamados a reparar o prejuizo causado á sociedade pelo crime, que o criminoso houvesse commettido o crime sob a influencia de causas morbidas ou não? Procuraes saber se elle commetteu o crime, e se realmente commetteu, seja doente ou louco, um atavico ou um degenerado, isto não vos diz respeito. »

Por ahi vá vendo o Sr. Dr. João Vieira as conclusões a que chegam aquelles que, seriamente procuram accomodar o estudo do homem criminoso ao progresso das sciencias biologicas, e que nesta ordem de

estudos não pagam-se com palavras, mas esforçam-se por determinar até que ponto vai a influencia do clima, da alimentação, da idade, do sexo, da occupação na producção dos crimes, como fez o distincto escriptor russo em um notavel trabalho, que por si só vale mais do que todos os artigos do *Archivio di psichiatria e scienze penali*.

II

Eu comprehendo que a sinceridade das convicções leve um professor ao suicidio, negando a sciencia que professa; o que não admitto é que a febre da exhibição, a *tapage* vá ao ponto de pretender fazer sciencia com dados que lhe são contrarios.

A figura de certos criminalistas, pretendendo innovar na sua sciencia com dados da *pathologia* e da *anthropometria*, é a mesma daquelle que ingerisse uma boa dose de veneno julgando ser o remedio supremo para a sua saude estragada.

«Reconhecei o criminoso, é o russo Minzloff que ainda fala, responsavel perante a sociedade, inclausurando-o; perante a victima obrigando-o a remunerar-a. *Todos os symptomas pathologicos serão reconhecidos pelos medicos depois do julgamento e não antes*, quando se tratar de curar um doente e não de saber simplesmente se um homem commetteu tal ou tal acção. *Esta curiosidade intempestiva de nossa justiça actual* lembra-me os tribunales da idade media, que levavam tão longe suas investigações que faziam processos formaes aos animaes e esses processos acabavam sempre de maneira tragica.»

Além disto, «a arvore julga-se pelos seus fructos», e quaes os resultados obtidos pela invasão da *pathologia* e da *anthropometria* nos dominios da justiça criminal?

De duas uma: ou reconhece-se o criminoso como um *doente* e neste caso deve-se remettel-o para um hospital; ou como um *atavico*, uma especie de selvagem em paiz civilisado, na phrase de Bordier, e então a consequencia logica é deportar-o para um meio correspondente á sua natureza inferior.

O criminalista tem que apreciar o crime sob outras luzes além dos dados da *pathologia* ou da *anthropologia*. Nem é de hoje que assim penso: ha quatro ou cinco

annos escrevia eu que a base psychiatrica da criminalidade, tomando em consideração unicamente o individuo que praticou o crime, sem attender ao crime em si e sua acção sobre o meio social, respeitando a *doença* ou o *atavismo* em prejuizo do progresso social, é um grande entrave á civilisação. O que vê-se todos os dias? Os medicos legistas, que tomam parte nos grandes processos criminaes, com os seus pareceres, attribuem o crime ora a uma impulsão imperiosa e irresistivel (carencia de liberdade), ora a uma exaltação subita, a uma hallucinação momentanea (carencia de consciencia). Então estudam os *antecedentes* do criminoso ou o *momento* do crime, e, conforme este foi praticado *irresistivel* ou *inconscientemente*, declaram que os juizes têm diante de si um caso de *atavismo* ou de *pathologia*; e assim verdadeiras feras humanas, almas de tigre, são conservadas no seio da sociedade para tormento, desespero e destruição das pessoas uteis á communhão civil, das naturezas cheias de abnegação, que occultam muitas vezes as suas proprias lagrimas ou feridas para não entregarem um malvado ou um facinora ás mãos da justiça publica.

Porém o que mais irrita não é a mediocridade dos resultados ou a nocividade dos esforços pela invasão da biologia na apreciação de phenomenos sociaes, e sim o desprante com que certos espiritos, e estes muitas vezes mediocres, pretendem fazer sciencia de ordem superior simplesmente com semelhanças, analogias e metaphoras emprestadas a phenomenos de categoria inferior.

Assim causa indignação o atrevimento do Sr. Dr. João Vieira escrevendo que o livro de Ferri—*I nuovi orizzonti del diritto e della procedura penale*—«é uma synthese estupenda de dados da anthropologia e da estatistica para basear os principios fundamentaes da nova escola inutilizando as antigualhas existentes que destroem o caminho das pretendidas reformas nos codigos e nos systemas penitenciarios.»

Quanto a estatistica convem lembrar áquelles que andam a attribuir á *Physica social*, de Quetelet, maior importancia e significação do que ella realmente tem, o que a proposito dos *methodos e das tendencias da anthropologia contemporanea* escreveu Lacassagne:

«O methodo numerico, nas sciencias bio-

logicas ou sociaes, tem apparencias enganadoras de precisão, as quaes não se deve deixar prender. As cifras não indicam muitas vezes senão os resultados que queremos que ellas digam e eu tenho feito bem estatistica para saber quanto é difficil reunir todos os elementos de um problema afim de chegar a uma solução indiscutivel. Forget não exagerava quando dizia: a estatistica é uma boa rapariga, que vai com quem a afflige mais.»

Feliz quem, como o Sr. Dr. João Vieira se enthusiasma vivamente por um livro porque «é uma synthese de dados da estatistica»! Não conheço maior ventura do que o estado de espirito que julga ser sciencia notar com dados estatisticos que os factos sociaes produzem-se com uma certa regularidade.

Quanto a analogias e methaphoras tiradas de phenomenos de ordem inferior affirmava, não ha muito tempo, Wirouboff que dá-se sempre uma parte de confusão e de erro com esta transferencia de termos.

Por ahí já se póde avaliar do valor scientifico da celebre lei, que Ferri inventou, e da qual fez-se adepto serio o Sr. Dr. João Vieira.

Refiro-me á lei da saturação criminosa, assim chamada por analogia com dados da chimica, segundo informa o seu proprio inventor.

Mas nem mesmo por analogia se póde entender tão grotesco amphiguri, como é facil provar-se mostrando que o seu autor ignora completamente o que seja saturação.

«Do mesmo modo que, —affirma Ferri, segundo a traducção do seu adherente, a qual deve estar fiel, —em um dado volume d'agua, de uma temperatura dada, se deve obter uma quantidade determinada de substancia chimica, nenhuma molecula de mais ou de menos; assim tambem em um ambiente social dado, com dadas condições individuaes e physicas, se deve commetter um numero determinado de crimes nem um de mais nem um de menos.»

Que admiraveis novidades e que profundos conhecimentos scientificos em tão poucas palavras!

Admiraveis novidades na parte, em que o autor dos *Nuovi orizzonti del diritto e della procedura penale* diz com ares de sufficiencia que «em um dado ambiente

social, com dadas condições individuaes e physicas, se deve commetter um numero determinado de crimes, nem um de mais, nem um de menos», como se isto não importasse a mesma cousa que repetir que dadas as mesmas causas produzem-se os mesmos effeitos.

Profundos conhecimentos de chimica, quando o celebre *scientista* italiano faz consistir a saturação em se obter em um dado volume d'agua, de uma temperatura dada, uma quantidade determinada de substancia chimica, nenhuma molecula de mais ou de menos.

Quem consultar o *Diccionario de Medicina e das Sciencias accessorias*, de Charles Robin e Emilio Littré, verá que saturação é cousa differente do que ensina Ferri: — «é o termo em que as affinidades reciprocas dos dous principios de um corpo binario, ou de um acido e de uma base qualquer sendo satisfeitas, nenhum dos dous principios é mais susceptivel de unir-se com uma nova quantidade do outro.»

Em um velho diccionario de sciencias medicas encontrei as seguintes palavras sobre saturação:

«Observa-se, com effeito, na acção dos corpos uns sobre os outros, que elles não se combinam em todas as proporções, que ha limites fixos e naturaes na combinação, que esses limites sendo attingidos, um dos corpos não póde mais unir-se, permanecendo as mesmas circumstancias, com uma nova quantidade do outro.

«Este effeito tem logar na solução dos saes: assim a agua, em uma temperatura dada dissolverá uma quantidade determinada de chlorureto de sodio (muriate de soda); uma vez carregada d'elle não póde mais dissolver uma nova quantidade: diz-se então que a agua está saturada de sal, o que tem logar quando as moleculas d'agua e do sal estão em equilibrio de cohesão.»

Depois do que fica transcripto, quem não se convencerá de que o Sr. Dr. João Vieira é o unico capaz de se enthusiasmar pela lei da saturação criminosa e o unico capaz de procurar para Ferri adeptos?

(Continua).

ARTHUR ORLANDO.

Chronica ás pressas

LUCIO DE MENDONÇA — *Vergastas*, Rio, 1889, 8.º

Collecção de poesias filiadas ao genero socialista, revolucionario, humoristico, mais ou menos como as de Guilherme de Azevedo, Guerra Junqueiro, Gomes Leal e outros.

Ha lindas poesias n'esta collecção. E a melhor, a mais bella é com certeza a que se intitula *A um pulpito quebrado*.

A escola ou genero dessas poesias me é antipathico; mas acho que são bem feitas e estão ao nivel das melhores que foram escriptas sob a mesma intuição.

Essa intuição predominou no Brazil entre 76 e 82 mais ou menos, sob a aliás detestavel influencia d'aquelles poetas portuguezes que citei acima.

A capa das *Vergastas* é um bello desenho do nosso grande romancista Raul Pompeia.

—
FRANCISCO FERREIRA DA ROSA. *Segundo livro de leitura*. Rio de Janeiro, 1889.

Com este titulo se acha á venda um producto pernicioso da pedagogia brasileira. Tivemos a occasião de examinal-o.

Obra incorrecta, e completamente fora das normas e dos fins a que é destinada, o *segundo livro de leitura* é um manancial inexgotavel de disparates em má prosa e em versos quebrados.

Contem um conto onde se encontram um *sabiá*, um *gavião* e uma AGUIA (em que parte do mundo se acham reunidos taes seres?)

Em uma pagina o auctor fala de « *celeiro de ratos* »; em outra, diz que a cana de assucar vae á moenda *depois de descascada* (que horror!) e diz mais alem que a « *Inglaterra é a maior productora de algodão!* » (que horror!)

Não vamos adiante.

Dos versos, então, nada diremos. Recomendamol-os á misericordia cirurgica da Santa Casa.

LUIZ CARRE. *A dor*, poemeto. Rio, 1889.

A dor é a amostra mais miseravel de poesia que os prelos do orbe catholico ja-mais publicaram. Diz o diabo contra Deus, os padres e os reis, uma *sucia de bandidos*, na phrase do poeta.

A dor é um estado indomavel, mesmo ante o chloroformio da resignação, ante a cocaina da maior paciencia humana.

Propriamente o que o Sr. Luiz Carre tem, não é *A dor*, é a espinhela cahida.

Cama e botica, Sr. Carre. Purgue-se, quanto antes.

INSTITUTO HISTORICO. O mez de outubro, no dia 31, fechou-se com a chave de ouro de uma sessão do Instituto Cacetorico, presentes as barbas imperiaes, o corpo diplomatico, *tutti quanti*. Caras navalhadas de fresco, bocas abertas por grandes sorrisos officiaes, attritos de algumas casacas que envelheciam pacatas nos *belchiores*, discursos, discursos... apenas variados para outros discursos.

Os chilenos anesthesiados, saturados da dormideira palavrosa dos brazis, mais uma vez adormeceram, apoz o exemplo vindo do alto, do imperial cochilo de S. M.

Depois que os grupos se dispersaram pelas salas do paco, houve uma alegria ruidosa, matinal, de quem acórda de um pesadello. Instinctivamente cada um inquiria de outro:—Como passou a noite?

S. M. o Imperador não houve por bem recitar soneto algum, provando ainda e sempre que a clemencia é umas suas da melhores virtudes.

MUSICAS

Da Casa *Ao Lambary*, á travessa de São Francisco de Paula 22-A, que é hoje uma das que mais sobresaem em lindissimas edições de polkas e walsas, recebemos:

SUAVITA, polka por Eduardo Vidal, bella composição que ha de tornar-se popular em breve.

CASA LAMBARY, por Manuel José Ferreira da Silva, composição em estylo facetado e agradavel.

Não se esqueçam de adquiril-as, as sympathicas leitoras.

—
CARLOS BARROSO. *Alguma cousa sobre varios assumptos, collecção de descripções uteis aos estudantes*, Rio, typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1889, in-8º de 82-II pp.

Não é livro bem feito. Tem muitos e variados senões. Bom, se fosse o producto de um simples estudante de portuguez.

Não o recommendamos a *ninguem*; mas agradecemos ao auctor o obsequio do exemplar que nos enviou.

CARLOS AMERICO DOS SANTOS. These de concurso para a cadeira de inglez no Imperial Collegio Pedro II. Rio, typ. Central, 1889, in-8º de 35 pp.

PEDRO BOUCHER DE BOUCHERVILLE. Idem, idem. Valença, 1889, in-8º.

Das duas theses, a segunda (a do senhor Boucherville) apenas consta de um catalogo de verbos fortes, de duas ou tres linhas sobre idiotismos verbaes e de uma referencia a manuscripto inedito de uma *Grammatica* que S. S. vae offerecer a S. M. o Imperador (referencia que aliás não era do ponto).

O Sr. Carlos Santos não fala do Imperador, nem promette offerecer-lhe cousa alguma. No entanto a sua these, embora não tenha excessivo desenvolvimento, é um trabalho consciencioso e sobre o qual vale a pena demorar-se a attenção.

O estylo do seu trabalho é claro, e a exposição é nitida, facil e agradável de ler-se.

O assumpto da dissertação é bastante esteril.

Virgãça de uma arvore

I

Perto d'uma cidade antiga a fama havia
D'um carvalho sagrado. A' sombra lhe acorria
Todo o povo a prestar o culto e a adoração
D'aquelle idolo forte, enrijado no chão,
E da terra nativa o habitante mais velho.
Haviam-n'o plantado os deuses em conselho
Reunidos para oppor aos inimigos a andaz
Sentinella na guerra ou nos tempos de paz.

Era de ver-lhe a altiva, a delectosa fronde
Que uma parte do azul com a ramaria esconde
Harpa de vozes mil de passaros, cantar
Alto erguida no céu e coagulando o ar
De verdura; de vêr-lhe o lenho annoso e forte
Quando, retemperado ás ameaças de morte
Ao flanco o manto asperrimo, ia o Frio hybernal
Britando tiritante a brenha, e o mattagal...

Extraordinario, o ver-se, em perspectiva, as ramas
Lineadas a buril sobre o poente, e as chammas
Da luz ora entornada ao chão flexuoso, mol,
Discos que arremecava o moribundo sol
Longinquo. Era de ouvir-se as cantigas ferozes
Dos echos—natural sombra, ao longe, das vozes...
E sempre a fronde queda altissima a cantar
Theorba da Tradição coagulada no ar.

Ao pé da arvore havia, emtanto, o sorvedouro
D'un rio que passava a fulva capa de ouro
Undivaga arrastando, encontroando estouraz
A cava rocha troante— o pouso contumaz
De cyclope bravo entre as escondas fragoas
Feitas pela caricia indomavel das agnas.
Era o rio, de certo, a defeza melhor
Da cidade porquanto a vencel-o e a transpor
Somente chegaria o genio do Charonte
Se houvesse o inesperado auxilio d'uma ponte.

Por isso, recrescia o culto e adoração
Daquelle idolo forte, enrijado no chão;
Todo o povo acorria ao pé da arvore santa
Primeira a ver a luz quando o sol se levanta.

II

Ora, a negra caudal de sangue veiu um dia
E jorrou sobre o Imperio a legião sombria
Dos barbaros. A guerra, a pilhagem cruel
Sobre a Italia tombou, devastando o vergel
De Roma, o campo, o trigo, emmurchecendo as searas.
O Incendio, a Peste, a Fome, as expansões avaras
Rebentaram do solo estrumado na dor
Na decomposição do conforto e do amor...
E o camponez fugia aos Herulos bravios,
Deixando os arraiaes, pingues margens de rios,
O arado ao ceppo, a foice ociosa entregue ao vil
Descanço, e desarmado o ariete, o projectil,
Faminto, ia buscar no seio das florestas
O concheço d'un lar para as esposas honestas.

Os germanos, descendo a Italia a demarcar
Por contornos de fogo o campo inteiro e o mar,
Chegaram. Noite afora um bando cruento invade
Para tomar de assalto a misera cidade.
Loucura! quem podera a cidade assaltar
Se entre ella e o campo havia inda peor que um mar
Indomavel um rio espumante impetuoso?

Sombrio imaginando um plano tenebroso
O barbaro pensava:—impossivel talvez
Transpor aquelle rio!—

E na hedionda ebriez
Do crime:—A's armas! clama. A's armas! necessario
E' fazer-se uma ponte atravez d'esse estuario,
Desse ábysmo que impede a estrada a todos nós...
(Todos vieram cercal-o afim de ouvir-lhe a voz)
Derrubemos esta arvore e o tronco selvagem
Tombando sobre o rio ha de dar-nos passagem.—

III

Alta a fronde no espaço escuta... sem-mover
As folhas. Quem lhe dera os braços estender
E a hospitaleira sombra aos seus velhos affectos,
Quem dera a pequenez dos celeres insectos
Para n'esse momento a distancia affrontar,
Das barbaras legiões o segredo levar
A' cidade que dorme esquecida, impolluta!
Alta a fronde no espaço immota e quêda escuta...
Jm baixo, em terra, zumba enxameia a legião
Trôa a barbara voz « Promptos! » promptos estão.

Breve, o machado imigo o rijo lenho fende,
Golpe sobre outro golpe e lactescente esplende
Lacrimante resina. O tronco a estremecer
Trepido a fronde abala apiedada a chover
Sobre o seu proprio algoz a corbelha de flores,
Respondendo ao golpear do machado os rumores
Da passarada em cima o vôo a levantar...

E uma pausa se faz. Vae a arvore tombar...
 Range retorsa e cae estregindo sobre a onda,
 Ronco, ao longe, o fragor pelos valles estronda...
 —Ei-la, a ponte! o germano alegreme
 Passemos pois, o Deus dos barbaros o quiz.—

E a hoste inimiga irrompe o tronco todo enchendo,
 Feres, armas a mão, ao rio enfim vencendo.
 Porem, dentro de si enfim, concentrando o poder
 A rude arvore enrija as fibras e a gemer
 Arrebenta-se e vinga as suffocadas maguas
 Os barbaros cuspiu aos abyssos das aguas.

1888

MUSEON

(N. 10)

*Na floresta os crepusculos eu passo
 A flor colhendo e o saboroso fructo
 Ouço um rumor, e cauteloso, astuto
 Apalpo as folhas estendendo o braço.*

*Fauno talvez! e horripilado escuto...
 Eis quando surge sob um sol escasso
 Não qual imaginára o deus hruto,
 Mas uma nymphá de ligeiro passo.*

*Ah não fosse eu mortal e fosse dado
 Ao humano ser dos deuses o peccado!
 Se n'aquelle momento um deus eu fosse,*

*Ao vento a flor e o fructo desprezando,
 Minha fóra esta deusa que é, passando,
 Mais que a flor mais que o fructo bella e doce.*

1889.

MUSEON

(N. 11)

*Do mar e das espumas tu nasceste,
 O' forma ideal de todas as bellezas,
 Inda teu corpo, mal vestindo-o, véste
 Um collar de maritimas turquezas.*

*Milhares d'annos ha que appareceste,
 Outros milhares d'almas sempre accezas
 No teu amor, la vão seguindo prezas
 Da tua garra olympica e celeste.*

*Beijo-te a boca e sigo embevecido
 Ondas sobre ondas, pelo mar afora,
 Louco, arrastado qual os mais têm sido,*

*Ora te vendo as formas nuas, ora
 Toda nua a sentir-te em meu ouvido
 Do eterno som dos beijos meus sonóra.*

1889

Da educação

DA EDUCAÇÃO INTELECTUAL

(Continuação)

para uma creança intelligente uma privação séria: não indica isto tudo uma terrivel ausência de sympathia? A verdade é que as difficuldades da educação moral tem uma dupla origem, e algumas provém ao mesmo

tempo dos paes e dos filhos. Se a transmissão hereditaria é uma lei da natureza, como o sabem todos os naturalistas e como o affirmam todos os dias a experiencia e os proverbios das nações, então na media dos casos os defeitos dos filhos são os reflexos dos defeitos dos paes. Dizemos a media dos casos, porque o facto da transmissão complicando-se com a influencia dos antepassados afastados, não póde ser verdadeiro, senão d'uma maneira geral. E, se na media dos casos essa hereditariedade de defeitos existe, as más paixões que os paes têm a combater nos filhos são precisamente as que elles proprios têm. Póde succeder que isto se não veja exteriormente, póde occultar-se e encobrir-se com outros sentimentos; mas é assim. Não se póde portanto evidentemente esperar ver triumphar um systema ideal de disciplina: os paes não são sufficientemente bons para isso.

Além d'isso, quando mesmo houvesse methodos pelos quaes se podesse attingir o fim desejado, e quando mesmo os paes e mães tivessem bastante penetração, benevolencia e imperio sobre si proprios para applicarem esses methodos com ordem, poder-se-hia sustentar que seria impossivel reformar o governo da familia mais rapidamente do que são reformadas as outras cousas. Qual é o objecto que se tem em vista? A educação, de qualquer natureza que seja, não tem em vista preparar a creança para a vida, formar um cidadão que possa abrir o seu caminho no mundo? E abrir o seu caminho no mundo (não entendemos por isso o conseguir enriquecer-se, mas adquirir os meios de educar uma familia), não implica uma certa adaptação do individuo ao mundo tal como elle hoje é? Se podessemos, por meio d'um systema de educação já conhecido, produzir um ser humano ideal, duvida alguém que fosse elle proprio para viver no mundo tal como é? Não podemos nós, com razão, suspeitar que a extrema delicadeza de sentimentos e a extrema elevação d'essas regras de conducta lhe tornariam a vida intoleravel ou até impossivel? E, por mais admiravel que possa ser o resultado obtido no ponto de vista individual, não falharia porventura no ponto de vista da sociedade e da familia? Ha muitas razões para crer que n'uma familia, bem como n'uma nação, o governo é afinal de contas tão bom como o estado geral da natureza humana o permite. Neste como no outro

caso o character médio dos individuos determina o da autoridade exercida. Em ambos os casos o aperfeiçoamento do character individual conduz ao aperfeiçoamento do systema: e nós dizemos que, se fosse possível aperfeiçoar o systema sem que o character médio da sociedade se aperfeiçoasse previamente, o mal mais do que o bem resultaria quasi sempre. A aspereza que as creanças soffrem hoje dos paes e mestres pôde considerar-se como uma preparação para a aspereza bem maior que tem de encontrar à entrada no mundo. E pôde-se objectar que, se os paes e os mestres as tratassem com uma completa equidade, com uma perfeita benevolencia, não faria isso mais do que dar maior intensidade aos soffrimentos que o egoismo dos homens deve mais tarde infligir-lhes (1).

Alguem perguntará: «mas não prova isto de mais? Se algum systema de educação moral pôde tornar as creanças o que ellas devem ser; se, suppondo que este systema existisse, os paes são muito imperfeitos para o applicar; se mesmo no caso em que este systema podesse ser applicado, os seus resultados devessem encontrar-se incompatíveis com o estado presente da sociedade, não se deduz portanto que a reforma do systema actual não é possível, nem desejavel?» Não: somente se conclue d'aqui que a reforma do governo domestico deve seguir os mesmos passos que seguem as demais reformas; conclue-se apenas que os methodos de educação não podem não devem ser melhorados senão gradualmente; d'aqui se conclue finalmente, que as regras da perfeição, abstracta serão inevitavelmente na practica subordinadas ao estado presente

(1) E' esta a desculpa que algumas pessoas apresentam da maneira rude como as creanças são tratadas nos collegios: aprendizagem, lhe chamam, n'um mundo em miniatura, rigores que as predispõe para o mundo real; esta desculpa porém é muito deficiente. Porque, se a disciplina da casa paterna e da escola não forem muito mais suaves; que a do mundo, podem ser um pouco mais benevolentes; e, pelo contrario, a disciplina a que são submettidas as creanças em Etan, em Winchester, em Harrow, etc., é peor do que a da vida adulta,—mais injusta, mais cruel. Em vez de auxiliar o progresso da humanidade (como toda a educação deve fazer), o regimen das nossas escolas publicas tende a acostumar as creanças a uma forma despotica de governo, ao dominio da força, e por consequencia a adaptar as suas ideias n'um estado social inferior ao que existe. Recrutados como são a maior parte dos nossos legisladores entre os antigos alumnos d'estes estabelecimentos, pôde ver-se nesta influencia anti-civilisadora um obstaculo ao progresso da nação. (NOTA DE SPENCER).

da humanidade, — tanto por causa da imperfeição das creanças como da dos paes e da sociedade— e não poderão ellas ser observadas senão á medida que a moralidade geral progredir.

«Mas então, replica o nosso critico, é inutil formular um ideal de educação domestica. Não pôde haver vantagem alguma em inventar e preconisar methodos considerados como avançados no nosso tempo.» Ainda aqui pretendemos o contrario. Da mesma forma que em tudo que diz respeito ao governo politico, embora as leis de pura justiça sejam presentemente inapplicaveis é conveniente conhecê-las, afim de que todas as mudanças que se operam sejam feitas no sentido d'essas leis e não no sentido contrario; assim tambem em tudo o que diz respeito ao governo domestico é bom mostrar o ideal, afim de que possamos por degraus approximar-nos d'elle. Não temos a temer consequencia alguma má da nossa perseverança em manter esse ideal. Em geral o conservantismo instinctivo da sociedade é bastante forte para impedir uma mudança demasiado rapida. As cousas estão por tal forma dispostas, que, em quanto os homens não se elevarem ao nivel das ideias moraes superiores, não poderão estes concebê-las: acceitam-n'as nominalmente, mas não virtualmente; e quando a verdade é reconhecida, os obstaculos para a sua adopção ou pratica são tão persistentes, que chegam a cansar a paciencia dos philanthropos e até a dos philosophos. Podemos pois estar antecipadamente seguros de que as difficuldades que se encontrarem no caminho, antes de chegarmos a uma educação normal das creanças, retardarão sempre na medida necessaria os esforços feitos para ali chegar.

Depois d'estas explicações preliminares—passemos ás considerações sobre os verdadeiros objectos e os verdadeiros methodos da educação moral. Quando tivermos consagrado algumas paginas a estabelecer os principios geraes, paginas para as quaes nós reclamamos a attenção do leitor, trataremos de esclarecer por exemplos a conducta que devem ter os pais no meio das difficuldades que se appresentam continuamente na educação domestica.

Quando uma creança cáhe ou bate com a cabeça na mesa, sente uma dôr cuja lembrança tende a torná-la mais attenta; e, pela repetição d'estas experiencias, chega a saber guiar os seus movimentos. Se toca

em qualquer ferro da chaminé, se passa a mão por uma vela accesa ou lhe cahe uma gotta d'agua a ferver na pelle, a queimadura que recebe é uma lição que não esquecerá facilmente. A impressão produzida por um ou dois acontecimentos d'esta natureza é tão forte, que persuasão nenhuma poderá, para o futuro, leval-a a desprezar por esta forma as leis da sua constituição.

Ora em casos, como estes, a natureza mostra-nos, da maneira mais simples, quaes são a verdadeira theoria e a verdadeira pratica da educação moral: — theoria e pratica que poderão parecer, a um espirito superficial, que não differem do que é communmente admittido e que se afastam portanto consideravelmente, como o exame o demonstrará.

Notae em primeiro logar que para as feridas corporaes e para a dôr que estas originam, a nossa falta e as suas consequencias ficam reduzidas ás suas fórmulas mais simples. Posto que na accepção popular as palavras *bem* e *mal* não se applicam ás acções que não produzam mais do que effeitos corporaes, quem reflectir vê que estas acções podem ser distinctas pelas suas duas qualificações. De qualquer hypothese que se parta, toda theoria moral concorda em que é boa conducta aquella cujos resultados e remotos ou immediatos são em summa maleficos; em quanto que é o criterio que serve aos homens, em ultima analyse, para julgar a sua conducta é a felicidade ou a desgraça que ella produz. Consideramos a embriaguez como má, porque a degeneração physica e os males que a acompanham são para o bebado e para sua familia as consequencias que arrasta. Se o roubo fosse vantajoso tanto ao que perde como ao que rouba, não figuraria na lista dos delictos. Se fosse possivel que os actos de bondade multiplicassem os soffrimentos humanos, nós condemnal-os-hiamos, não os teriamos como bons. Basta ler o primeiro artigo publicado seja em que jornal fôr, e escutar, qualquer conversa sobre os negocios sociaes para ver que os votos do parlamento, que os movimentos politicos, que as empresas philanthropicas, bem como ás acções dos individuos, são julgadas segundo os resultados que d'ellas se esperavam, por augmentar os gozos ou os soffrimentos humanos. E se, analysando todas as ideias secundarias e derivadas, seguirmos o nosso criterio final do bem ou do mal, podemos recusar-nos

a chamar aos nossos actos physicos bons ou maus conforme elles produzirem resultados beneficos ou prejudiciaes.

Notae em segundo logar o character dos castigos que estas transgressões physicas previnem. Servimo-nos da palavra castigos á falta de melhor; porque não são castigos no sentido litterario; não são penas artificial e inutilmente infligidas; são simplesmente obstaculos beneficos applicados ás acções que contrariam essencialmente os interesses do nosso corpo, obstaculos sem os quaes a vida seria em breve aniquilada pelos ataques que tinha que soffrer. O character particular d'estes castigos (se assim lhe podermos chamar) é serem simplesmente as consequencias inevitaveis dos actos que os produzem: não são mais do que as inevitaveis reacções das acções da creança.

Recordemo-nos em seguida de que estas reacções acompanhadas de castigo são sempre proporcionaes ás transgressões. Um ligeiro accidente produz mais do que uma dôr ligeira; um accidente mais sério produz uma dôr mais grave. Não está na ordem das cousas que uma creança que esbarra com o umbral da porta e cahe, soffra mais do que é necessario, afim de que se torne por esse facto mais circumspecta do que tambem é necessario. Pela experiencia diaria aprende ella a conhecer quaes são os castigos, mais ou menos graves, os erros mais ou menos graves, e n'esta conformidade procede.

Notae finalmente que estas reacções naturaes, que seguem as acções erroneas da creança, são constantes, directas, seguras e não podem escapar-lhes. Nada de ameaças! apenas uma muda e rigorosa execução! Se uma espinha se lhe crava no dedo sente dôr; se penetra mais, soffre maior dôr ainda e assim successivamente. Em todas estas relações com a natureza inorganica encontra ella esta persistencia infallivel, que não attende desculpa alguma e cuja acção é sem appello; e dentro em breve, reconhecendo severa esta disciplina, posto que benefica, torna-se extremamente attenta para não transgredir a lei.

Estas verdades geraes apparecer-nos-hão ainda mais significativas, quando nos recordarmos de que permanecem verdades durante toda a vida adulta, bem como durante toda infancia. E' pela experiencia adquirida das consequencias naturaes dos seus actos que os homens e as mulheres são

detidos no pendor do mal. Depois que a educação domestica acabou e que não ha paes nem professores para defender isto e aquillo, o individuo tem de se haver com uma disciplina semelhante áquella pela qual a creança tem de dirigir os seus movimentos. Se o mancebo que entra na vida perde o seu tempo na ociosidade, se desempenha mal e negligentemente as funcções que lhe foram confiadas, o castigo natural não se faz esperar; perde o seu emprego e durante algum tempo soffre as consequências d'uma pobreza relativa. O homem que não tem pontualidade, que falta constantemente aos seus compromissos de prazeres e de negocios, supporta-lhe as consequências, que são perdas de dinheiro e privação de gozos. O negociante que pretende obter elevados lucros perde os seus freguezes, e é por esta forma sopeado na sua avidez. Os enfermos que abandonam o medico negligente ensinam-no a tratar com mais zélo os que lhe ficarem. O credor credulo, o especulador que confia demasiado em si, pelas dificuldades em que se encontram, reconhecem a necessidade de serem para o futuro mais prudentes nos negocios. E' isto o que succede em toda a vida. No dictado que tantas vezes se cita em eguaes circumstancias: « creança queimada teme o fogo » vemos que a sabedoria popular constata a analogia entre a disciplina social e a disciplina da natureza a respeito da creança, e esta reconhece ao mesmo tempo que tal disciplina é a mais efficaz. Todos têm ouvido dizer que « uma experiencia caramente adquirida » o decidiram a mudar de conducta. Todos ouviram dizer aos que censuram a conducta d'este ou d'aquelle prodigo ou especulador imprudente, que todos os conselhos seriam inuteis e que á « experiencia amarga » isto é, o soffrimento que segue inevitavelmente taes erros, seria a unica efficaz. Se fosse preciso uma outra prova de que a reacção natural das nossas acções é a mais efficaz das penalidades, que nenhuma penalidade de invenção humana conseguiria substituil-a, encontrar-se-hia esta prova na esterilidade dos nossos systemas de penas legaes. De todos os methodos propostos de disciplina criminal, e postos em vigor pelo legislador nenhum correspondeu á espectativa que haviam concebido. Os castigos artificiaes nunca corrigiram os criminosos, e por vezes tem produzido uma reincidencia de criminalidade. As unicas penitenciarias

em que se tem obtido algum resultado são os estabelecimentos cujo regimen é o mais possivel imitado da natureza, isto é, aquelle em que se não faz mais do que applicar ao criminoso as consequências da sua má conducta:—diminuindo a sua liberdade na proporção necessaria para a segurança da sociedade e exigindo-lhe que ganhe a sua vida com o obstaculo d'este embaraco. Por aqui vemos: em primeiro lugar que a disciplina pela qual a natureza ensina á creancinha a regular os seus movimentos é a mesma que retém sobre a lei a grande maioria dos homens e pela qual elles são mais ou menos moralizados; em segundo lugar, que todas as disciplinas de invenção humana applicadas aos peiores individuos são impotentes, logo que se afastam d'esta disciplina sublimemente ordenada, e que não começam a dar resultado senão quando se reapproximam d'ellas.

Por ventura não nos fornece isto o principio dirigente da educação moral? Não devemos acaso inferir que um systema tão benefico durante a infancia e na madureza é egualmente benefico na juventude? Quem poderá acreditar que um methodo tão efficaz no primeiro e segundo periodo da vida o não seja no periodo intermediario? Acaso não é evidente que as attribuições dos paes é vigiarem, como «servos e interpretes da natureza» para que os seus filhos experimentem as verdadeiras consequências da sua conducta,— as reacções naturaes—não as repellindo nem augmentando, não lhe substituindo as consequências artificiaes? Leitor algum desprecavido recusará a esta proposição o seu assentimento.

E' provavel que muitas pessoas pretenderão ser isto precisamente o que faz a maioria dos paes; que os castigos que infligem são de ordinario a consequencia legitima da má conducta; que a cólera paterna, que se exprime por palavras duras e actos severos, é o resultado da transgressão effectuada pela creança, e que o soffrimento physico ou moral que a creança supporta torna-se a reacção natural de uma acção má. Nesta asserção, com muito erro, ha um pouco de verdade. Não admite duvida que o descontentamento dos paes e das mães é uma consequencia legitima das creanças e que as manifestações que elles lhes proporcionam são uma repressão normal d'essas faltas. As reprehensões, as ameaças, as pancadas que um pae exas-

perado prodigalisa ao filho culpado são por certo effeitos produzidos no pae por causa do mau comportamento do filho, e, por este motivo, podem ser considerados, como sendo, até certo ponto, as reacções naturaes d'essas más accões. Não temos por fôrma alguma desejo de pretender que estes processos de tratamento não sejam relativamente bons, — bons queremos dizer, com relação aos filhos ingovernaveis de adultos que propriamente foram mal dirigidos na sua juventude, e bons com relação ao estado d'uma sociedade na qual esses adultos mal disciplinados formam a grande maioria da nação. Como já dissemos, os systemas de educação, assim como as instituições politicas e outras, são geralmente tão boas quanto o permite o grau de cultura da humanidade. Os filhos barbaros não podem provavelmente ser educados senão pelos methodos barbaros que os seus antecessores usam espontaneamente; e estes methodos barbaros contêm provavelmente a melhor preparação que os seus filhos possam receber para viverem na sociedade barbara em que serão chamados a desempenhar um papel. Pelo contrario, os membros civilisados d'uma sociedade culta serão naturalmente levados a testemunhar o seu descontentamento d'uma maneira menos violenta, usarão naturalmente de meios mais suaves: — meios que serão bastante fortes para os seus filhos, já muito aperfeiçoados. E' pois verdade que em tudo que diz respeito ao sentimento dos paes e ao modo como elle se manifesta, que o principio da reacção natural é sempre mais ou menos seguido. O systema da educação domestica gravita para a sua fôrma normal.

Mas observae agora dois factos importantes. O primeiro é que num estado de transição rapido como aquelle em que nos encontramos, estado durante o qual as velhas e novas theorias, os velhos e os novos usos estão constantemente em conflicto, póde succeder que os systemas de educação se encontrem em desaccordo com os tempos. Com relação aos dogmas que apenas convinhão aos tempos que os formularam, muitos paes infligem aos filhos castigos cuja applicação é uma violencia feita ao seu sentimento pessoal, e levam d'esta fôrma os filhos a exprimentarem reacções contra a natureza; em quanto que outros paes, entusiastas na sua esperança de perfeição immediata, se lançam no excesso opposto. O segundo facto é que

a manifestação da approvação ou desapprovação dos paes não constitue a melhor das disciplinas; a disciplina por excellencia é a experiencia dos resultados necessarios que na ausencia de toda a intervenção dos paes dimanaria da conducta dos fillos. As consequencias, verdadeiramente instructivas e salutaras, não são as que originam os paes, pretensos representantes da natureza, mas as que a propria natureza produz. Diligenciaremos tornar clara esta distincção com alguns exemplos, que, mostrando-nos o que é que entendemos por reacções naturaes e reacções artificiaes, fornecerão a ideia das applicações praticas.

Em todas as familias onde ha creanças succede todos os dias que estas fazem o que as mães e as creadas chamam « desordem ». Uma creança espalhou os brinquedos sobre o sobrado; um ramo de flores trazido do passeio da manhã foi espalhado sobre as mezas e sobre as cadeiras; uma filhinha, ao fazer os vestidos para a sua boneca, encheu a casa de desperdicios de panno; quasi sempre o trabalho de reparar esta desordem cabe a quem não devia pertencer. Se isto ocorre no quarto das creanças, a ama, depois de ralhar contra « as aborreciveis creaturinhas » ella propria emprehe a tarefa; se acontece no aposento, este trabalho é incumbido ás mais velhas, ou aos creados, e tudo o que succede ao transgressor é ser asperamente reprehendido. Todavia, num caso tão simples como este, os paes são ás vezes bastante intelligentes para seguirem, com mais ou menos persistencia, a ordem natural das cousas, recommendando á creança que apanhe ella mesma os brinquedos, as flores ou desperdicios. A tarefa de pôr as cousas em ordem é a consequencia verdadeira da falta que commetteram de as por em desordem. Todo o negociante na sua loja, toda a mulher na sua casa diariamente faz esta experiencia. E, se a educação é uma preparação para a vida, toda a creança deve, desde o começo, experimentar-a diariamente tambem. Se a creança resiste (o que póde succeder quando o systema de disciplina moral préviamente seguido não for bom), é preciso deixar-lhe experimentar a reacção ulterior d'esta desobediencia. Como ella recusou reunir e pôr por ordem os objectos que havia desperdiçado, incommodando por isso outra pessoa nas seguintes occasiões recusar-lhe-hão os meios de causar esse incommodo. Quando

vier pedir a sua caixa dos brinquedos, a resposta da mãe será esta: «da ultima vez que vos deram os brinquedos deixaste-os no chão e a Joanna é que teve o trabalho de os reunir. A Joanna tem muito que fazer para todos os dias andar a reunir os objectos que deixas no chão e eu menos o posso fazer ainda. Visto que não queres arrumar os teus brinquedos, logo que acabas de brincar, não t'os posso dar por este motivo». Evidentemente é isto uma consequencia natural, nem exaggerada, nem diminuida, e a creança deve reconhecer o. O castigo chega no momento em que é mais vivamente sentido. O desejo nascente é frustrado no mesmo instante em que a sua realisação era esperada, e a forte impressão d'este modo produzida não pôde deixar de causar effeito sobre a conducta futura da creança: effeito que, constantemente reproduzido, fará tudo o que é possível fazer-se para corrigir do seu defeito. *Accrescentae* a isto que, por este methodo, aprenderá muito cedo o que não conseguiria aprender muito tarde: o saber que neste mundo o prazer é a recompensa do trabalho.

Tomemos um outro caso. Não ha muito que ouviamos diariamente as censuras dirigidas a uma menina, a qual nunca estava prompta para o passeio quotidiano. Dotada d'um character vivo, deixando-se facilmente absorver por uma occupação de momento, Adelaide não pensava nunca em por o chapeo antes que as outras creanças estivessem promptas para sair. A sua mãe e irmãs eram constantemente obrigadas a esperar por ella, e invariavelmente recebia todos os dias a reprehensão maternal. Posto que o insuccesso mais completo acompanhasse o seu systema, a mãe nunca occorreu a ideia de obrigar Adelaide a experimentar as consequencias naturaes da sua conducta. Ainda mais, não quiz ensaiar este methodo quando lh'o propozeram. Neste mundo a inexactidão origina a perda d'alguuma vantagem, que se teria alcançado sendo-se pontual: é o comboio que partiu; é o paquete que levantou ferro; são os melhores generos do mercado que se venderam, os melhores logares na sala do concerto, que estão occupados; e por exemplo diarios pôde-se ver que é a perspectiva d'uma privação que soffrem os individuos por chegarem muito tarde. Não se vê claramente o que se deve d'aqui inferir. A perspectiva da privação não deve servir para regulari-

sar a conducta d'uma creança. Se Adelaide não estivesse prompta à hora marcada, o resultado natural da sua inexactidão era ficar e não ir ao passeio. E depois de ter ficado uma ou duas vezes em casa, enquanto as outras creanças se têm divertido nos campos, logo que ella tenha visto que a perda d'este prazer não é devido mais do que a sua falta de actividade, é muito provavel que se corrija. Em todos os casos a medida tomada a seu respeito produzirá sempre mais effeito do que as asperas reprehensões perpetuas, que a nada mais attingem do que a produzir a indifferença.

Da mesma fórma quando as creanças muito pouco cuidadosas quebram ou perdem os objectos que lhes dão, o castigo natural — o mesmo que ensina as pessoas idosas a terem cuidado — é o desgosto que resulta d'isto. A privação do objecto perdido ou quebrado, a despesa que é preciso fazer para o substituir, são experiencias com que os homens e mulheres se disciplinam nestas materias; e as experiencias das creanças devem o mais possível ser assimiladas às suas. Não falamos d'este primeiro periodo da vida, durante o qual a creança, quebrando os brinquedos, aprende a conhecer-lhes as propriedades physicas, sem comprehender ainda as consequencias da falta de cuidado; falamos d'esse segundo periodo em que se comprehende o sentido e as vantagens da propriedade. Quando uma creança, sufficientemente desenvolvida para possuir um canivete, se serve d'elle com tão pouca precaução que lhe quebra a folha, ou quando o abandona na herva ao pé de qualquer sebo, depois de ter cortado uma vara, um pae irreflectido ou um tio descendente vão logo comprar-lhe outro, sem attentarem em que tiram por esta fórma á creança a occasião de receber uma lição util. Em semelhante caso um pae deve explicar que os canivetes custam dinheiro; que para ter dinheiro é preciso adquirir-o pelo trabalho e que elle não pôde comprar canivetes para quem os quebra ou perde; que por conseguinte, enquanto a creança não tenha dado a prova de se tornar mais cuidadosa, não alcançará outro canivete. Uma semelhante disciplina servirá para obstar á prodigalidade da creança.

Estes exemplos familiares que escolhemos para aqui, porque a sua simplicidade põe o nosso argumento em evidencia, tornarão clara para todo o mundo a distincção entre os castigos naturaes, unicos que

sustentamos serem efficazes, e os castigos artificiaes por que substituem aquelles. Antes de apresentar as applicações mais delicadas e mais elevadas do principio esclarecido por estes exemplos, notemos essas grandes e numerosas vantagens sobre o principio, ou antes sobre a practica empirica que prevalece na maior parte das familias.

Uma das vantagens é que a sua applicação produz no espirito noções justas de causa e effeito, noções que experiencia repetidas mais tarde tornam definitivas e completas. E' facil conduzir-mos bem na vida quando se comprehendem as boas e as más consequencias d'estas acções, mais ainda do que quando se acredita na auctoridade dos outros. Uma creança, que vê que a desordem impõe o castigo de metter as cousas em ordem, ou que a indolencia faz perder um prazer, ou que a falta de cuidado a arrisca a perder um objecto util e agradável, não sómente lhe sente vivamente as consequencias, mas adquire, alem d'isso, a ideia de relação de causa para effeito, e isto segundo a maneira de que elle mais tarde fará a experiencia na vida. Emquanto que a creança, que em egual caso recebe uma reprehensão ou algum castigo ficticio, não sómente supporta mais do que uma consequencia com que se incommoda pouco, mas não recebe, sobre a natureza essencial da boa ou má conducta, a instrucção que sem isso devia ter recebido. De facto um dos vicios do systema das recompensas e dos castigos artificiaes, vicio que os espiritos providentes muito anticipadamente descortinaram, substituindo ás consequencias naturaes da má conducta os trabalhos em duplicado ou as correcções, é o falsificarem nas creanças o criterio da moral. Quando, durante toda a sua infancia e juventude, elles consideraram o descontentamento dos paes e dos mestres como o principal resultado das suas transgressões, estabelece-se no seu espirito uma associação de ideias entre a transgressão e o descontentamento que ella produz, como entre a causa e o effeito. D'aqui resulta que apenas os paes e os mestres abdicarem e que o seu descontentamento não fôr de receiar, a regra moral encontra-se em grande parte supprimida pela mesma acção, e a verdadeira lei, a das reacções naturaes, deverá ser aprendida com uma triste experiencia. Assim como o escreve

um homem que pessoalmente conhece os effeitos d'este systema de curtas vistas: « logo que os jovens abandonarem a escola, particularmente aquelles cujos paes desprezaram exercer a sua influencia, lançam-se em todas as extravagancias; não conhecem regras de acção; ignoram as razões de uma conducta moral; as suas ideias não têm fundamento sobre que possam repousar; e, emquanto não são severamente disciplinados pela vida, são membros extremamente perigosos da sociedade ».

Uma outra grande vantagem d'esta disciplina natural é a sua estricta justiça, e tanto que toda a creança o reconhecerá. O que não supporta outros males senão aquelles que, na ordem natural das cousas, resultam da sua conducta, não se encontrará injustamente tractado, como o que supporta um castigo artificial; e isto é tão verdadeiro a respeito dos homens como das creanças. Tome, por exemplo, uma creança, que é negligente por habito, com os seus vestidos, que atravessa as ruas sem precaução, que não evita o enlamear-se. Se lhe batem ou se a deitam na cama, considerar-se-ha maltractada; e tratará mais de ruminar os seus desgostos do que arrepender-se da sua falta. Mas supponde que a obriguem a remediar quanto fôr possivel o mal que fez, a limpar a lama com que se sujou, a remendar os rasgões do fato, não foi um incommodo que a si proprio originou? Emquanto ella soffre o castigo que lhe é devido, não terá constantemente presente ao espirito a ligação d'este castigo com a sua causa? E, apesar da irritação, não terá elle mais ou menos uma consciencia clara da justiça d'este arranjo? Se muitas lições d'esta ordem não produzem o seu effeito; se os vestidos novos se rompem antes do tempo, o pae, proseguindo na applicação d'este methodo de disciplina, recusará dispendir dinheiro para novo fato antes da epocha em que costuma comprar-lh'o; e, se durante este tempo se apresentam occasiões nas quaes, por falta de vestidos decentes, a creança fica privada de sahir com a familia, como, por exemplo, as excursões dos domingos e as festas em casa dos amigos, é evidente

HERBERT SPENCER.

(Continúa)

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 31 DE OUTUBRO DE 1889 — BOLETIM XX

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

243—AFFONSO DE CARVALHO. Verbos fortes, idiotismos verbaes. These de concurso á cadeira de inglez do imperial collegio de Pedro II, pelo Dr. Guilherme Affonso de Carvalho. Rio de Janeiro.

244—ANTONIO MARQUES. Pela revolução, propaganda republicana, por Antonio Marques. Rio de Janeiro.

245—ASSIS FIGUEIREDO Relatorio apresentado ao Sr. Conselheiro Carlos Affonso de Assis Figueiredo, presidente da provincia do Rio de Janeiro, em cumprimento do disposto no regulamento de 11 de Agosto de 1876, art. 28 § 8.º pelo director da fazenda da mesma provincia, Paulo José Pereira de Almeida Torres.

246—BRAZILIO MACHADO. Divisão judiciaria da provincia de S. Paulo—Trabalho estatistico, organizado para o Banco de Credito Real de S. Paulo, por seu advogado Dr. Brazilio Machado.

247—CARLOS BARROSO. Alguma cousa sobre varios assumptos, colleção de descrições uteis aos estudantes, 1 vol de 84 pags. in-8.º Rio de Janeiro Typ. de G. Leuzinger & Filhos (1889)

248—CALVACANTI DE ALBUQUERQUE. These apresentada em concurso á cadeira de inglez do collegio Pedro II, pelo Sr. Dr. Pedro Cavalcanti de Albuquerque.

249—FRANCISCO BHERING. These de concurso á vaga de lente substituto da 1ª secção do curso geral da escola polytechnica, apresentada pelo Dr. Francisco Bhering.

250—HOMENAGEM. Do instituto historico e geographico brazileiro, e da imprensa fluminense aos argentinos

251—JOAQUIM DE SIQUEIRA. These de concurso á cadeira de inglez (substituto) do Imperial Collegio D. Pedro II, por Joaquim de Siqueira.

252—LUCIO DE MENDONÇA. Vergastas, (poesias), 1 vol. de 96 pags. in-16. Typ. e Lyt. de Gaspar da Silva. Rio de Janeiro.

253—RELATORIO do Centro dos Machinistas do Imperio do Brazil, pelo seu presidente José Dias de Carvalho Netto.

254—RELATORIO da directoria da Companhia Ferro Carril Pernambuco, apresentado á assembléa geral dos Srs. accionistas. Rio de Janeiro.—Typ. de Antonio José Gomes Brandão.

Noticiario

O centro bibliographico tem no prelo um volume de poesias, do distincto poeta João Ribeiro.

Sahirão á luz até ao fim de Novembro.

As obras offerecidas ao centro bibliographico serão sempre descriptas e acompanhadas do preço, se os editores ou os auctores nos mandarem as indicação e na falta delias collocaremos um cifrao.

LIVROS

A' VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias 41

Vicente Quesada—Vireinato del Rio de la Plata (1776-1810).—Apuntamientos critico-historicos, 1 vol. enc. 3\$000

José Maria Reyes—Descripção geográfica del territorio de la Republica del Uruguay acompañada de observaciones geológicas, 1 vol. enc. 3\$000

Emile Carrey—Le Pérou. Tableau descriptif, historique et analytique, 1 vol. enc. 2\$500

Francisco Bausá—Historia de la dominación Española en el Uruguay, 2 volumes, enes. 4\$000

Noticias historicas—Políticas y estadísticas del Rio de la Plata con un apéndice sobre la usurpación de Montevideo por los gobiernos Portugues y Brasileiro. 1 vol. enc. raro 3\$000

Alfred de Brossard—Considerations sur les Républiques de la Plata, 1 vol. enc. 1\$500

Condamine—Histoire des pyramides de Quito, 1 vol. enc. raro 3\$000

Joaquin Acosta—Compendio historico del descubrimiento y colonización de la Nueva Granada 2\$000

Andres Lamas—Apuntes historicos sobre las agresiones del Dictador Rosas contra la independencia de la republica del Uruguay, 1 vol. enc. 3\$000

Woodbine Parish—Buenos Ayres y las provincias del Rio de la Plata, 1 volume enc. 2\$500

R. M. Baralt—Historia de Venezuela, 1 vol. enc. 2\$500

Dumont d'Urville—Voyage pittoresque au tour du monde. Accompagné de cartes et de nombreuses gravures en taille-douce sur acier, 2 vols. enes. 8\$000

Emilio Castelar—Recuerdos de Italia, 2 vol. enes. 4\$000

Henry Stanley—A travers le continent mystérieux, contenant 9 cartes et 150 gravures, 2 vols. enes. 8\$000

Lisboa—Relação de uma viagem a Vene-

suela, Nova Granada e Equador, 1 vol. enc. com gravuras 4\$000

Ampère—Promenade en Amérique (Etats-Unis—Cuba—Mexique), 2 volumes, encadenados, 4\$000

D'Avezac—L'Afrique, 2 vols. enes. com gravuras 3\$000

Emilio Castelar—Europa en el ultimo trienio, 1 vol. enc. 2\$000

José Correa de Mello—Joanneida, poema épico em dez cantos, 1 vol. encadernado (raro) 4\$000

Francisco de Sá de Menezes—Malaca conquistada, poema heroico em 12 cantos, 1 vol. enc. (raro) 4\$000

Bento José de Sousa Farinha—Segundo cerco de Diu, poema em 11 cantos, 1 vol. enc. (raro) 3\$000

Gabriel Pereira de Castro—Ulyssea ou Lisboa reedificada, poema em 10 cantos 2\$000

Jeronymo Corte Real—Naufragio de Selpueda, poema heroico em 1 canto, 2 vols. enes. 3\$000

Claudio Manoel da Costa—Villa Rica, poema, 1 vol. enc. (raro) 3\$000

Vasco Mausinho de Quebedo—Affonso Africano, poema heroico, 1 vol. encadernado (raro) 3\$000

Antonio de Souza de Macedo—Ulyssippo, poema heroico, 1 vol. enc. (raro) 3\$000

Pedro de Andrade Caminha—Poesias, 1 vol. enc. (raro) 3\$000

Castel Delille—As plantas. Os jardins, poemas traduzidos por Bocage, 1 vol. enc. com gravuras 3\$000

Tito Lucrecio Caro—A natureza das cousas, poema traduzido por Lima Leitão, 2 vols. enes. 3\$000

Milton—O paraíso perdido, poema heroico, traduzido por José Amaro da Silva, 2 vols. enes (raro) 4\$000

Pedro Antonio Correa Garção—Obras poeticas, 1 vol. enc. 2\$500

Francisco de Sá de Miranda—Obras, 2 vols. enes. 4\$000

Ovidio—Cartas, traduzidas por Miguel do Couto Guerreiro, 2 volumes encadernados (raro) 4\$000

Parnaso Lusitano ou poesias selectas. Os Burros ou o reinado da sandice, precedido de uma historia da lingua e poesia portugueza, por Almeida Garrett, 7 vols. enes. (raro) 10\$000

A' VENDA NA
LIVRARIA CLASSICA

DE

ALVES & COMP.

46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

LEITURA E ESCRIPTA

OBRAS DIDACTICAS

DE

HILARIO RIBEIRO

SÉRIE INSTRUCTIVA

PREMIADA PELO JURY DA EXPOSIÇÃO PEDAGOGICA DE 1883 COM O DIPLOMA DE 1ª CLASSE

<i>Primeiro Livro de Leitura</i> (Syllabario)	\$500
<i>Segundo</i> " " (Contos e dialogos)	1\$000
<i>Terceiro</i> " " (Conhecimentos uteis)	1\$500
<i>Quarto</i> " " (Os homens e as cousas)	2\$000

SERIE EDUCATIVA

PREMIADA COM DIPLOMA DE 1ª CLASSE NA EXPOSIÇÃO DE OBJECTOS ESCOLARES EM 1887

<i>Cartilha nacional</i> , ensino simultaneo de leitura e escripta, 1 vol.	\$500
<i>Scenario infantil</i> , (novo segundo livro de leitura), 1 vol. com gravuras	1\$000
<i>Na terra, no mar e no espaço</i> (novo terceiro livro de leitura), 1 vol. com gravuras	1\$000
<i>Patria e dever</i> , elementos de educação civica e moral, (novo quarto livro de leitura), 1 vol.	1\$000
<i>Lições de cousas</i> animadas e inanimadas, por Zaluar, 2.ª edição, 1 vol.	1\$000
<i>Cathecismo da doutrina christã</i> , aprovado pelo Exm. e Revm. Sr. D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro, adoptado pelo conselho superior da instrução publica para ser ensinado nas escolas do Governo Imperial, 4.ª edição muito melhorada, por monse-nhor C. Couturier, 1 vol. in-12 cart.	\$500
<i>Compendio de historia sagrada</i> , seguida da	

geographia sagrada pelo mesmo monse-nhor C. Couturier, 1 vol. in-16 cart. \$800
Diurnal da mocidade christã dedicados aos filhos da terra de Santa Cruz, por monse-nhor C. Couturier, 4.ª edição, 1 volume in-32 enc. 2\$000

Historia Sagrada, (pequena) para a infancia, premiada pela sociedade para instrucção elementar, traducção de D. Maria E. Leal, 2.ª edição ornada de gravuras, cart. \$500

Grammatica Portugueza (curso superior, 3º anno) por João Ribeiro, 3ª edição correctea e augmentada, 1 vol. in-12 3\$000

Grammatica portugueza elementar, (curso medio, 2.º anno) por João Ribeiro, 1 volume 2\$000

Grammatica portugueza da infancia, curso primario, (1º anno) por João Ribeiro, 2ª edição, com gravuras, representando o emprego das preposições, 1 vol. 1\$000

Diccionario Grammatical contendo em resumo todas as materias que se referem ao estudo historico comparativo da lingua portugueza 4\$000

Grammatica elementar e lições progressivas de composição, por Hilario Ribeiro, 1 vol. in-12 cart. 1\$200

Principio de composição, descripções, narrações, cartas, etc., segundo o programma de 1887, por Guilherme do Prado, 1 volume in-12 cart. 1\$500

Compendio de analyse logica precedido de noções de syntaxe e rhetorica, por G. Ch. Raoux Briggs, 2.ª edição, 1 volume in-12 cart. 1\$500

Analyse synthetica, novo methodo theorico e pratico, por A. E. da Costa e Cunha 1\$500

Grammatica nacional, por Coruja, 1 v. 1\$000

Explicador de Arithmetica, por Eduardo de Sá, em collaboração com seu filho o engenheiro Crokatt de Sá. Setima edição correctea e augmentada com muitas notas intercaladas no texto, 1 vol in-8. 3\$000

Systema metrico decimal, para uso das escolas primarias, pelo professor Jordão, 1 vol com as figuras representando os novos pesos e medidas, 1 vol. \$800

Elementos de algebra, por C. B. Ottoni, Quinta edição correctea e augmentada com notas intercaladas no texto, 1 volume in-8. 3\$000

Elementos de geometria e trigonometria rectilinea, por C. B. Ottoni. Sexta edição mais correctea e augmentada, e com numerosas notas e figuras intercaladas no texto e impressas em typo menor, 1 vol. in-8 5\$000